

O negro no romance espírita: possibilidades de escrita na história

Deise Maria Albuquerque de Lima Saraiva¹
Emanuela Sousa Ribeiro²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i28.35104>

Resumo: Essa escrita trata da contribuição do estudo dos romances espíritas para o entendimento histórico das relações raciais no espiritismo brasileiro de matriz francesa. Analisamos essa literatura como espaço para construção de sentidos sobre o negro que merecem ser tensionados pelo historiador para que os discursos, não obstante suas identificações doutrinárias, não sejam naturalizados, nem apartados do social. Para tanto, realizamos considerações sobre o papel do romance espírita no Brasil pontuando como, a partir de 1990, aumenta esse tipo de publicação com temas relacionados ao negro. Entretanto, um romance publicado em 1976 parece ter sido o primeiro a abordar a questão. Sobre seu conteúdo nos detemos na segunda parte do artigo, analisando os significados sobre o negro e a escravidão negra, dispostos na obra. No segmento final, indicamos como esse tipo de publicação pode ser explorado para problematizar a questão da escrita sobre o negro no espiritismo, campo vasto à pesquisa e reflexão.

Palavras-Chave: Relações raciais, Espiritismo, Romance espírita

The black in the spiritist novel: possibilities of writing in history

Abstract: This writing deals with the contribution of the study of spiritist romances to the historical understanding of racial relations in the Brazilian spiritism of the French matrix. We analyze this literature as a space for constructing meanings about the black that deserve to be stressed by the historian so that discourses, notwithstanding their doctrinal identifications, are not naturalized nor separated from the social. To do so, we make considerations about the role of the spiritist novel in Brazil, pointing out how, since 1990, this type of publication has increased with themes related to black. However, a novel published in 1976 seems to have been the first to address the issue. On its content

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado (2015), Bacharelado (2012) e Licenciatura (2011) em História, também pela mesma Instituição. Atua na área de História, principalmente nos seguintes temas: Cultura, Literatura, Religião, Diáspora Negra, Questão Racial no Brasil. E-mail: albuquerque.deise@hotmail.com

² Professora Adjunta IV do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pernambuco desde 2009. Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2009). Mestra em História, pela mesma Universidade (2003). Bacharel em História pela Universidade Federal do Maranhão (2000). Atua na área de Documentação Museológica, Patrimônio Cultural de C&T, Gestão Pública de Museus e do Patrimônio Cultural. E-mail: emanuelasousaribeiro@yahoo.com.br

we find in the second part of the article, analyzing the meanings about the black and the black slavery, arranged in the work. In the final segment, we indicate how this type of publication can be explored to problematize the question of black writing in spiritism, a vast field for research and reflection.

Keywords: Racial relations, Spiritism, Spiritist romance

El negro en la novela espiritualista: posibilidades escrito en la historia

Resumen: Este escrito aborda el estudio de la contribución de las novelas espiritualistas a la comprensión histórica de las relaciones raciales en el espiritismo brasileño sede francesa. Hemos analizado esta literatura como un espacio de construcción de sentido en el negro que merecen ser tensada por el historiador de los discursos, a pesar de sus identificaciones doctrinales no están naturalizados, no aparte de lo social. Por lo tanto, hemos llevado a cabo sobre el papel de la novela espiritual en Brasil puntuando a partir de 1990 aumenta este tipo de publicaciones con temas relacionados con negro. Sin embargo, una novela publicada en 1976 parece haber sido el primero en tratar el tema. Acerca de los contenidos nos detenemos en la segunda parte del artículo, el análisis de los significados del negro y del negro la esclavitud, el trabajo organizado. En el segmento final, hemos indicado ya que la publicación puede ser explotado para discutir el tema de la escritura en el espiritismo negro, amplio campo de la investigación y la reflexión.

Palabras clave: Relaciones raciales, Espiritismo, Espiritista romance

Recebido em 30/01/2017 - Aprovado em 20/04/2017

Todo signo sozinho, parece morto. O que lhe confere vida? - Ele está vivo no uso. Ele tem em si o hábito da vida? - Ou é o uso o seu hábito?

(Ludwing Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*, p. 173)

Introdução

Talvez um dos primeiros filósofos alemães a se preocupar com o problema da linguagem, Wittgenstein (2009), aponta em suas *Investigações Filosóficas* que a linguagem não é espelho do mundo, mas sim *mais* uma coisa dentre as coisas do mundo. Entretanto, algo *transformador* porque *constitui* um mundo. Acompanhando o filósofo alemão, analisamos um mundo construído através da linguagem. A linguagem religiosa é só uma delas.

E de maneira especial, o espiritismo kardecista³ é uma expressão religiosa baseada na linguagem, sobretudo, nas suas dimensões escrita e falada. Analisando a

³ É preciso especificar que tratamos do espiritismo de viés Kardecista a partir do reconhecimento de que o espiritismo, como cosmovisão e expressão religiosa é muito anterior à fundação do espiritismo atribuída à Allan Kardec, a partir da publicação do *Livro dos Espíritos* no ano de 1857. A esse respeito consultar: Aubréce e Laplatine (2009).

densidade do papel da escrita no interior do espiritismo, Bernardo Legowy (2000) entende que se trata de uma cultura bibliográfica, onde a leitura de livros espíritas é prática necessária na constituição do espírita enquanto adepto. Em síntese:

Socializar-se no espiritismo significa familiarizar-se, estudar, falar bastante sobre os autores e obras canônicas, ou seja, ingressar num universo de debate e reflexão que poderia ser qualificado como dominado por uma tradição religiosa escrita e letrada, permeado por uma “oralidade secundária” (LEWGOY, 2000, p. 22, aspas do autor)

Esse texto é resultado de reflexões realizadas no âmbito de uma pesquisa de mestrado que tinha por objetivo principal, analisar a representação da escravidão em um romance espírita. Talvez, no primeiro romance espírita que teve por tema a escravidão do negro no Brasil. Aqui, nosso objetivo é sistematizar e ampliar as discussões realizadas nesse trabalho de pesquisa, demonstrando como os romances espíritas são produtos culturais que também constroem sentidos sobre o negro e a escravidão, que podem ser discutidos pelo historiador.

O uso dos romances espíritas em pesquisas históricas se não é recente⁴, ao menos não está amplamente difundido como possibilidade para uma escrita da história. Sobre si, pesam estereótipos a respeito do seu enquadramento na categoria literatura, sobre a validade de seus conteúdos, sobre a questão da autoria. De nossa parte, acreditamos que a escrita espírita, seja ela de cunho teórico – como é o caso da escrita dos livros de Kardec, ou romaneado – como no caso de ícones da literatura espírita brasileira como Chico Xavier, Zíbia Gaspareto ou Divaldo Franco, não pode ser desprezada em seu teor discursivo, e por isso constitui possibilidades de pesquisa no âmbito do conhecimento histórico.

Ora, se nos ativermos ao significado da palavra literatura que contempla a *produção de textos* veremos que, a despeito da dimensão erudita da escrita posteriormente incorporada à ideia de literatura, qualquer texto pode se tornar parte de uma literatura sobre um tema ou sobre um país, por exemplo. No caso específico, o teor utilitário da literatura espírita, muito diz sobre sua potencialidade como instrumento de difusão de sentidos que podem, ou não, ser internalizados pelos seus leitores. Não obstante, sabemos que, no caso do texto doutrinário, a possibilidade de internalização é sempre maior. É a partir dessa premissa que os conteúdos romances espíritas sobre negros e a escravidão negra receberam, do nosso olhar, atenção.

Sobre a autoria, em contraposição às concepções dos espíritas, atribuímos essa categoria aos homens e mulheres que se dizem psicografar mensagens de espíritos. Pois, para nós, apenas um indivíduo em sua existência física é capaz de escrever e demandar a publicação de livros, independente de seu conteúdo estar, ou não, em consonância com valores espíritas. Percebendo que o volume de publicações desse tipo é cada vez maior, nos coube identificar o papel do romance espírita dentro do espiritismo, para então perceber, em que medida, as publicações de temática negra⁵ eram robustas o suficiente para tornar-se tema de pesquisa.

Considerações sobre o papel do romance espírita no Brasil

Para além do lastro teórico legado por Kardec – considerado de leitura obrigatória para a formação do espírita enquanto tal –, no Brasil, um largo consumo de romances espíritas não pode ser desprezado da história da difusão e expansão do espiritismo.

Nos meados da década de 1930, num país de poucos letrados e de uma intelectualidade voltada para questões como a formação de uma identidade nacional, é possível entender a assimilação do romance espírita pelos seus prosélitos, provavelmente pouco confortáveis com a linguagem e didática francesa dos livros de Kardec. Mas não só por eles. Rapidamente popularizados pela associação da mensagem espírita com temas da literatura não-religiosa (amor, ódio, sedução, vingança, violência) numa linguagem mais coloquial, logo se tornaram vetores para divulgação da mensagem kardecista, e mais ainda, porta de entrada para muitos futuros espíritas. Dessa forma, podem ser entendidos como uma *adaptação* no interior do espiritismo. (LEWGOY, 2000). Adaptação à modernidade sequiosa de produtos culturais que conferiam, quando não – conhecimento, status.

A associação de temas consumidos pelo público nacional (nos romances de folhetim⁶) com as relações de causa e efeito que atravessam a lógica espírita do resgate, resultam em narrativas, geralmente, estruturadas a partir de uma sucessão de expiações e escolhas que levam à algum tipo de penalização das personagens e posterior catarse do aprendizado, proporcionado por esse tipo de experiência (LEWGOY, 2000). Fica claro o

⁴ Um esforço interpretativo a partir do romance espírita *Nosso Lar* foi realizado por Silva (2012), que trabalhou o romance espírita *Nosso Lar* como utopia da cidade moderna ideal.

⁵ Por *temática negra nos romances espíritas* entendemos as narrativas que, de alguma maneira, se referem ao negro, à escravidão negra e africana no Brasil, às relações raciais entre negros e brancos (seja no contexto da escravidão, ou não), e das tradições africanas.

⁶ O romance de folhetim diz respeito ao gênero literário publicado, geralmente, nos jornais. O termo folhetim se refere ao espaço que ocupavam nessas publicações: os rodapés das páginas dos periódicos. Foram introduzidos no Brasil a partir de 1838, quando o primeiro romance de folhetim, *Capitão Paul*, de Alexandre Dumas foi publicado no *Jornal do Comércio* (SALES, 2007). Sobre o tema, consultar: Meyer (1996).

teor didático e moralizante que insinua ao leitor sua resignação a um tipo de *plano do além* do qual aquele sofrimento pessoal é parte fundamental.

Outro fator importante: essas narrativas admitem para si a condição de relatos do real, ou seja, de experiências efetivamente vivenciadas em outro tempo, ou na linguagem dos espíritas, em outras encarnações, em “outras vidas”. Na maioria dos romances, esse contexto experiencial não é situado precisamente através de marcos temporais cronológicos, mas acontecem em *algum passado*. Se apresentam como memória individual de alguém que *não é mais*, que já deixou de *ser*. Essa estreita relação com o passado, torna-se passadismo na medida em que a lógica reencarnacionista permite às narrativas espíritas situarem-se em quaisquer temporalidade passada dando origem aos “romances espíritas históricos”: espaços de escrita onde encontramos ora a apropriação do passado histórico na construção narrativa, ora perspectivas interpretativas sobre o passado histórico. Às vezes, ambas as coisas. (SARAIVA, 2015, p. 38-39)

De forma que encontramos, dentre as publicações nacionais, romances espíritas cujas tramas se desenvolvem durante a Segunda Guerra Mundial, como no caso de Gaspareto (1988), na *Belle Époque* carioca, como em Castro (2001) e Vargas (2013), no Reinado de Dom Pedro II, como fez Rásica (2006) e até mesmo no Egito Antigo, texto também assinado por Gaspareto (1983). Trata-se de narrativas não apenas situadas no passado, mas inscritas nele. Fato que permite a elaboração de uma perspectiva às vezes descritiva, ou mesmo crítica, da realidade do qual se consideram referentes (SARAIVA, 2015).

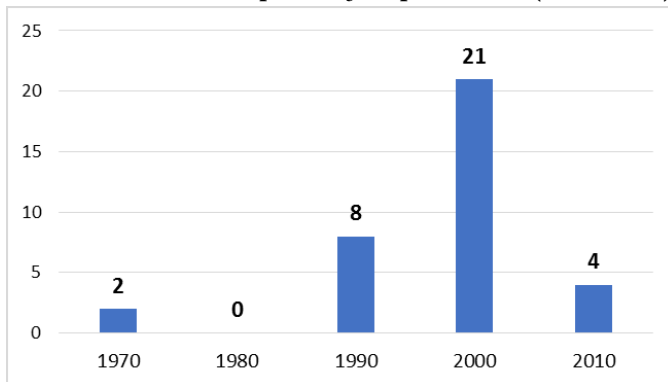
Percebemos, no entanto, que, por volta da década de 1990, há um aumento das publicações que tocam, de alguma maneira, no problema da escravidão. São romances espíritas que, supostamente, oferecem ao leitor trajetórias de negros escravizados. Alguns, até realizam um esforço interpretativo acerca do escravismo no Brasil, e mais recentemente, das tradições africanas – especialmente a Umbanda.

No ínterim da pesquisa realizada, consultamos diversos sites espíritas e não espíritas (livrarias, sites de editoras), sobretudo porque a produção escrita espírita não está sistematizada⁷, em busca de publicações com tais temas. Identificamos o início dessa

⁷ A ausência de sistematização das publicações espíritas está relacionada à disputa pelo mercado editorial religioso e à disputas internas entre segmentos espíritas. A Federação Espírita Brasileira (FEB) – criada em 1884

produção em 1976, a partir da publicação do romance espírita *Senzala* (1976) e perseguimos o registro de outras publicações⁸ até 2015 – ano de conclusão da pesquisa, o que nos permitiu identificar o aumento expressivo da temática, a partir da década de 90, conforme o gráfico abaixo, que diz respeito ao aumento de publicações com a temática negra no período pesquisado.

Gráfico 1: Número de publicações por década (1970 a 2015)



Fonte: Elaboração própria, 2017

para fins de divulgação do espiritismo, se torna, a partir de 1890, instituição norteadora e organizadora das agremiações espíritas e representante do espiritismo “oficial” no Brasil – possui editora própria. Suas publicações são revestidas de maior legitimidade, status e reconhecimento entre os espíritas. Entretanto, o “monopólio” da FEB tem sido cada vez mais enfraquecido pelo aparecimento de novas editoras que com elas disputam espaço, autores e leitores. Para além, o ordenamento da FEB não é reconhecido entre todos os segmentos espíritas do Brasil.

⁸ *Senzala* (1976) - Salvador Gentile; *Supremo Resgate* (1977) - Antonieta V. Meyer; *Relógio do Tempo* (1993) - Rosa Freua de Carvalho; *Escravo Bernardino* (1994) - Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho; *Palco das encarnações* (1994) - Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho; *O escravo dos escravos* (1996) - Rosa Freua de Carvalho; *Simão: o escravo* (1998) - João Berbel; *Cabocla* (1998) Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho; *Escravos do Ouro* (1999) - Eurípedes Kuhl; *Tambores de Angola* (1999) - Robson Pinheiro; *Luz na Senzala* (2001) - João Berbel; *Retalhos de nossas existências* (2001) - Hede Maria da Silva Nogueira; *Uma Família Imperial* (2001) - Rosa Freua de Carvalho; *A Sombra da Luz* (2002) - Alceu Costa Filho; *Escravo da Ilusão* (2002) - Ana Cristina Vargas; *Centelhas do Passado* (2002) - Dauny Frisch; *Torre de Marfim* (2002) - Paulo R. Santos; *Traição e Mistério* (2003) - Assis Azevedo; *Sabedoria de Preto Velho* (2003) - Robson Pinheiro; *Arianda* (2004); *Quando o passado não passa* (2004) - Elisa Masseli; *Florescer da Abolição* (2004) - João Berbel; *O amor é para sempre* (2004) - Cristina Sena; *África entre o bem e o mal* (2005) - João Berbel; *Um Rei na Senzala* (2005) - Salete Sattin; *Lições da Senzala* (2006) - Maria Nazareth Dória; *A Saga de uma Simbá* (2007) - Maria Nazareth Dória; *A Sombra de uma paixão* (2007) - Tanya Oliveira; *Sonhos de Liberdade* (2008) - Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho; *Corpo Fechado* (1999) - Robson Pinheiro; *Minha vida em tuas mãos* (2009) - Maria Nazareth Dória; *Sob a Égide da Cruz* (2012) - Elizabeth Pereira; *Mãe Preta* (2013) João Berbel; *Morada de Preto Velho* (2013) - João Berbel; *Amas: as mães negras e os filhos brancos* (2014) - Maria Nazareth Dória.

O aumento dos títulos, a partir dos anos 90, nos insinuou o diálogo do espiritismo brasileiro com as questões políticas e sociais que atravessavam a sociedade brasileira naquele momento: o reconhecimento formal do racismo e o início das discussões sobre a implantação de ações afirmativas para o negro no Brasil, dadas as desigualdades sociais entre negros e brancos (SILVA, 2007).

Não obstante, o despontar da temática através da publicação de *Senzala*, nos levou ao esforço de compreender melhor seu conteúdo, sua linguagem. Afinal, a questão do negro e da escravidão já era discutida entre os espíritas em nível teórico, aliás, discussão nada consensual entre os espíritas⁹, principalmente pelas considerações de seu “fundador”, que estavam alinhadas com o racismo do século XIX e amplamente espreiadas pelos textos da codificação¹⁰.

Seja como for, a análise do conteúdo de *Senzala* nos pareceu pertinente para descortinar o início da construção de sentidos espíritas a respeito da escravidão, no âmbito desse novo estilo de escrita, *o romance espírita* – de maior acesso e consumo por parte de um público leitor formado não apenas por espíritas –, reconhecendo essa produção não como fonte de acesso ao passado, mas como espaço para compreensão, de como num dado momento histórico, a década de 1970, o tema era significado por um escritor espírita que representava, no mínimo, uma visão sobre o tema, no âmbito do espiritismo, e em uma perspectiva ampliada, uma interpretação socialmente compartilhadas sobre o negro e a escravidão no Brasil, durante o período em questão.

Senzala evoca sentidos desde o seu título. Remete diretamente à experiência da escravidão onde Casas Grandes e Senzalas eram, na maioria das vezes, os espaços onde a maioria das relações entre brancos e negros escravizados se davam. Mas, ao contrário do que o título pudesse sugerir – uma trama centrada nas senzalas, espaços de moradia e convivência dos escravos –, o que temos é uma narrativa em que se divisam dois *ethos* escravocratas: *o bom senhor* versus *o mau senhor*, que rivalizam entre si, quanto à forma de tratamento dos escravos. Onde o primeiro representa um risco à existência do segundo, ou melhor dito, ao *modus operandi* do segundo.

Em linhas gerais, *Senzala* conta a história de uma família senhorial, os Sousa, que tem sua vida alterada após a morte do senhor daquelas terras. Ocasão que o senhor da

⁹ Os espíritas no Brasil não podem ser compreendidos como um grupo homogêneo. Entre eles, como na maioria dos grupos, há setores de maior legitimidade e outros de menor expressão. Não obstante, todos disputam uma identidade espírita, ou até mesmo as constroem. Sobre o tema, consultar: Aubrée e Laplatine (2009), Saraiva, (2015).

¹⁰ Os chamados “textos da codificação” são todos da autoria de Kardec e além do *Livro dos Espíritos* (1857), incluem: *O livro dos médiuns* (1861); *O evangelho segundo o Espiritismo* (1864); *O céu e o inferno* (1865); *A Gênese* (1868). Especificamente sobre a questão do negro, o artigo do “codificador”, *Frenologia Espiritualista e Espírita*, publicado em 1862, causou, e ainda causa, desconforto entre os espíritas mais ortodoxos, pela posição enfática do autor de que a raça negra abrigava espíritos inferiores.

fazenda vizinha, o Barão Macedo, aproveita para tecer uma intriga que supostamente colocaria fim na diferença entre as formas de vida dos escravos de ambas propriedades: a implementação do castigo físico na fazenda dos *benevolentes* Sousa. Macedo, aproveitando-se da ingenuidade dos herdeiros, forja que um escravo dos Sousa planeja fugir com uma escrava do *cruel* Macedo, exigindo do novo senhorzinho a devida punição. Consegue infiltrar um de seus feitores para aplicar o castigo, que tira a vida do escravo. Esse evento desencadeia desespero nos Sousa que, temerosos de novas investidas, montam guarda. Entretanto, Macedo não tem êxito. Obcecado pela destruição dos rivais, não percebe os excessos de seus capatazes, que culminam em assassinatos e na morte do próprio Macedo.

Sem questionar a existência da escravidão em si, a narrativa apenas sinaliza a possibilidade de uma *outra* escravidão: a escravidão *benevolente* praticada em uma das fazendas ficcionais da trama. Talvez, bem ao sabor da escravidão *cor de rosa* que Schwartz (1988) identificou na obra de Freyre (1998)¹¹. Essa possibilidade oferecida por *Senzala* pode ser relacionada com as observações de Sevcenko (1999), quando diz que a literatura oferece ao historiador não aquilo foi, mas aquilo que deveria ter sido, ou que se gostaria que fosse revelando ao pesquisador as estruturas sociais nos quais os autores (em nosso caso, o autor do romance) está inserido. E quais eram essas estruturas?

No interior do espiritismo, o Pacto Áureo¹² estabeleceu a cosmovisão “oficial” da doutrina espírita no Brasil em torno da narrativa de *Brasil coração do mundo, pátria do evangelho*, publicada pela primeira vez em 1938, por Chico Xavier, que se torna o *mito fundador* do espiritismo brasileiro, colocando-o na posição de pátria predestinada à divulgação e propagação cosmovisão espírita (AUBRÉE; LAPLATINE, 2009). Sobre a obra:

[...]dois aspectos precisam ser evidenciados: em primeiro lugar, que sua centralidade no ordenamento teórico da FEB ressalta, mais uma vez, a importância da escrita no espiritismo, e, por conseguinte, aponta a análise da sua produção discursiva como uma das formas para sua compreensão histórica e social; em seguida, que o livro *Brasil: Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* instrumentaliza

¹¹ A primeira edição foi publicada em 1933.

¹² Assinado em 1949, o “Pacto Áureo” teve o intuito de dirimir dissensos entre grupos espíritas de matriz kardecista e os roustagnistas. Jean Baptiste Roustaing (1805-1879) tinha como tese central a defesa da existência de um corpo fluídico para Cristo, afirmação negada por Kardec. A divergência teórica dividia os adeptos do espiritismo e a solução do pacto foi redirecionar o foco do espiritismo brasileiro para a obra psicografada por Chico Xavier, e adoção da obra de Roustaing, a qual a FEB era simpática, para fins de estudo. (AMORIM, 2012)

uma interpretação para a escravidão negra no Brasil que se tornou um ponto controverso entre os espíritas, principalmente depois da década de 1990, quando as discussões sobre a desigualdade entre brancos e negros ultrapassam os limites acadêmicos e atravessam todos os níveis sociais (SARAIVA, 2015, p. 55)

A importância da publicação de Xavier (1973) na construção de sentidos sobre negro e a escravidão negra no Brasil está na instrumentalização de uma interpretação para a escravidão negra no Brasil sugestiva da inferioridade entre as raças, e que relaciona o que os espíritas chamam de *encarnação*, sobre a cor da pele negra, com uma culpa pregressa em outras existências que só poderiam ser “redimidas”, através do sofrimento, como os trechos a seguir assinalam:

Os donatários dos imensos latifúndios de Santa Cruz fizeram-se à vela, escravizando os negros indefesos da Luanda, da Guiné e de Angola. Infelizmente, os pobres cativos, miseráveis e desditosos, chegam à pátria do vosso Evangelho como se fossem animais bravios e selvagens, sem coração e sem consciência (XAVIER, 1938, p. 25).
[...], buscaram as pérolas da humildade e do sentimento com que se apresentaram mais tarde a Jesus, no dia, que lhes raiou, de redenção e de glória. Foi por isso que os negros do Brasil se incorporaram à raça nova, constituindo um dos baluartes da nacionalidade, em todos os tempos. Com as suas abnegações santificantes e os seus prantos abençoados, fizeram brotar as alvoradas do trabalho, depois das noites primitivas. [...] É que o Senhor lhes assinalou o papel na formação da terra do Evangelho e foi por esse motivo que eles deram, desde o princípio de sua localização no país, os mais extraordinários exemplos de sacrifício à raça branca. Todos os grandes sentimentos que nobilitam as almas humanas eles os demonstraram e foi ainda o coração deles, dedicado ao ideal da solidariedade humana, que ensinou aos europeus a lição do trabalho e da obediência, [...] e foi por essa razão que a terra brasileira soube reconhecer-lhes as abnegações santificadas, incorporando-os definitivamente à grande família, de cuja direção muitas vezes participam, sem jamais se esquecer o Brasil de que os seus maiores filhos se criaram para a grandeza da pátria, no generoso seio africano. (XAVIER, 1938, pp. 34-35)

Ao ser escolhido como bastião do ordenamento espírita no Brasil, a narrativa de *Brasil, pátria do mundo, coração do evangelho*, constrói não apenas um *locus* de guardião e difusor para o espiritismo brasileiro, mas também uma versão para a colonização brasileira na qual os negros tem um papel muito bem assinalado: descendentes de indefesos e miseráveis africanos escravizados, os quais humildes, solidários e obedientes, se sacrificaram pela construção desse país, mas que hoje são reconhecidos em sua contribuição, e por isso foram incorporados à grande família brasileira.

Afortunadamente, a historiografia da escravidão africana já registra que a dominação europeia na África não se deu em termos pacíficos, e que tampouco eram os africanos indefesos e miseráveis. Além disso, a integração social dos negros na sociedade brasileira está muito aquém da utopia da publicação de Xavier. Apesar disso, evidentemente, esse lastro narrativo que predominou no espiritismo brasileiro ganhou seguidores e influenciou outras publicações, como acreditamos ser o caso de *Senzala*. Até mesmo porque seu autor, Salvador Gentile¹³, é confessionalmente¹⁴ leitor da obra de Chico Xavier, atribuindo, também, às leituras de seus livros, o ingresso no espiritismo.

Os anos anteriores à publicação de *Senzala* registram a penetração do espiritismo no ambiente universitário, com a criação do Movimento Universitário Espírita (MUE)¹⁵, proponente de uma releitura crítica e politizada do espiritismo, influenciada pela expansão das ideias marxistas e comunistas. Mas, conforme se deu com a maioria dos movimentos afinados com as propostas intelectuais de esquerda, com o Golpe Militar de 1964, o MUE se retrai, sendo extinto em 1973.

É possível entender que, nos limites da década de 1970, convivendo com questionamentos quanto ao seu papel social, e até mesmo pelo momento histórico de repressão e cerceamento das liberdades individuais aduzido pela ditadura, o espiritismo tenha se aberto, gradativamente, aos assuntos políticos e questões sociais. O catolicismo

¹³ O advogado membro da Ordem dos Advogados do Brasil do Estado de São Paulo, atuante no município de Araras (SP) e escritor espírita Salvador Gentile, nascido em 1926, é responsável por 5 traduções das obras de Kardec publicadas pela editora do Instituto de Difusão Espírita, 12 traduções da *Revue Espirite*, direção do Anuário Espírita entre 1969 e 2000, além de autor de outras 5 obras, que além do romance espírita *Senzala*, incluem: *Escola da vida* (1987); *O passe magnético*: seus fundamentos e sua aplicação (1994); *Liberção* (1997); *Mundo dos Espíritos* (1998); *Depressão*: cura-te a ti mesmo (2010). Para mais informações sobre o autor e sua inserção no espiritismo, consultar Saraiva (2015).

¹⁴ Entrevista concedida em 15/05/2015, disponível em Saraiva (2015).

¹⁵ O MUE foi criado em 1961 na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e entre as produções escritas que o influenciaram podemos citar *Espiritismo Dialético* (1951) - José Herculanô Pires, *Os espíritos e as questões sociais* (1955) - Eusínio Lavigne & Sousa do Prado, *Espiritismo Dialético* (1960) - Manuel S. Porteiro, *Espiritismo Laico* (1966) - David Grossvater, *Espiritismo e Marxismo* (1969) - Jacob Hollzmann Netto. No nível da imprensa espírita, o MUE tem no periódico espírita *A fagulha* seu principal veículo de comunicação, cuja tônica de uma atuação política e social entre os espíritas se mantém (LARA, 2012).

fazia o mesmo, e o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação, o confirmam. Isso mostra que as religiões não estão suspensas no ar, desconectadas da vida ordinária. E se recorrermos à Bourdieu (2003), podemos entender que essa atualização dos discursos religiosos frente às demandas sociais é fundamental para a manutenção de um *locus* no *mercado de bens simbólicos*. Eis o contexto em que *Senzala* é escrito (SARAIVA, 2015).

Senzala: escravidão didática, sacrifício e resgate

A questão do negro e da escravidão na sociedade brasileira atravessa o pensamento nacional há séculos. Cronistas, poetas, romancistas, intelectuais e uma parcela da historiografia nacional, se posicionaram, de alguma forma, a respeito da escravidão e das suas implicações para as relações sociais no Brasil. Essas interpretações estão espalhadas por diversas áreas do conhecimento, mas não só aí. Para além do campo intelectual, entendemos que outros campos do social também interpretam a realidade através da produção de discursos. No caso de *Senzala*, temos uma produção escrita que, elaborada no bojo de práticas religiosas, possivelmente tem maior alcance social (maior número de leitores) que algumas pesquisas sobre a escravidão no Brasil. Motivo suficiente para deter nossa atenção no tipo de interpretação que esse tipo de obra pode operar (SARAIVA, 2015).

Senzala apresenta a escravidão brasileira muito mais amena do que possivelmente ela foi aqui, e talvez, em qualquer outro lugar. Obviamente, falar sobre o real, não é o papel da literatura seja ela laica e principalmente a religiosa – que tem função doutrinária confessa. Mesmo porque, do real acreditamos não ser possível mais do que se aproximar com uma intenção de verdade. Mas, não se pode deixar de lado que quando as narrativas espíritas admitem para si a condição de *acontecimentos*, se colocando num passado tão específico como o da escravidão negra no Brasil, movimentam imaginários e sentidos sociais historicamente construídos que se relacionam intimamente com a formação social do Brasil, com a identidade nacional.

A apreciação de seu conteúdo textual não apenas opõe dois *ethos* escravocratas. Constrói, um *tipo ideal* de escravidão que se aproxima do mito. Na escravidão *possível* do romance, temos a descrição – pouco privilegiada e pouco explorada – das péssimas condições vida dos escravos, incluindo moradia e vestuário deficientes, castigo físico e a desumanização dos negros dentro das relações senhoriais e sociais. Modelo antagonizado pela escravidão *ideal* praticada na fazenda vizinha, onde escravos são felizes na condição escrava. Pacificados e resignados com seus destinos, porque suas condições de vida são quase idílicas: casas próprias para famílias escravas substituem as Senzalas; casamentos escravos de véu e grinalda; boa roupa, boa comida; ausência de pelourinho e castigos

físicos; fatores que amam seus irmãos de cor; aposentadorias¹⁶ para os mais velhos; senhores que se envolvem numa intriga para proporcionar o amor entre escravos de fazendas rivais. Essa parece ser a escravidão idealizada pelo romance.

Entretanto, o *ideal* não impede o reconhecimento da desigualdade entre brancos e negros apontadas *passim*, na narrativa, pelo uso de certas alcunhas, como *criaturas*, para o indivíduo de pele negra. Ou através de metáforas nada sutis: “Nunca nos esqueçamos da lição simples da Natureza, entendendo que o *mesmo sol que banha e vivifica os lírios do campo, também atende às necessidades do pântano, e a mesma vida de Deus que anima os homens, anima também as serpentes mais temidas*” (GENTILE, 1978, p. 29, grifo nosso).

Sugestiva de uma necessidade coletiva da escravidão que contou com a colaboração-sacrifício de milhares de negros, e mais ainda, de almas que se propuseram à uma difícil missão: encarnar sobre a pele negra na condição de escravos, devendo encarar ali uma oportunidade de domesticar o espírito e as emoções, aprendendo os valores da humildade e da resignação. A escravidão, assim apresentada, tem teor didático e é compreendida como um *resgate*.

A ideia da escravidão como sacrifício e resgate não é uma novidade. Pode até ser colocada como uma releitura da abordagem cristã, onde se verificam argumentos “justificativos” para a escravização: “os africanos como filhos de Cam, haviam sido condenados a este destino mesmo que se tornassem cristãos”, seus futuros e legítimos algozes seriam as raças descendentes de seus irmãos Jafé e Sem (BLACKBURN, apud BARROS, 2012, p. 74). O determinismo da raça negra à escravidão indicado no mito católico, parece muito semelhante ao determinismo sugerido por *Senzala*, na sua associação entre a pele negra e alguma espécie de castigo.

Ainda do ponto de vista narrativo, repete imagens da escravidão consolidadas pela literatura dos séculos XV ao XX¹⁷, nos quais os negros são considerados *incapazes* e condenados à escravidão por sua cor. Aliás, as características físicas dos negros, bem ao sabor dos romances naturalistas, também não escapam: *corpos musculosos, bocas grandes e cabelos encarapinhados*. Igualmente, não escapa a *beleza da mulher de cor*, sempre cobiçada e a suposta *volúpia* dos escravos, sempre predispostos a uma “vida promíscua”. É uníssona a apresentação indivíduo negro como *socialmente inferior*, cujo *lugar social* está situado na base na ordem escravista com possibilidades de mobilidade quase nulas.

Barros (2012) propôs a compreensão da formação social brasileira a partir dos conceitos de *diferença* e *desigualdade*. A escravidão colocava os negros em situação de

¹⁶ Falar em aposentadoria escrava é minimamente um anacronismo quanto ao termo empregado, posto que a aposentadoria surge apenas no final do século XIX (1889), na Alemanha do Chanceler Otto Von Bismarck, sendo implementada no Brasil apenas pelo Decreto n° 4.682 de 1923. (RIBAS, 2015)

desigualdade social porque retirava deles a liberdade, instituindo uma *diferença*: negros escravos *versus* brancos livres. A abolição da escravidão no Brasil, retira a condição de desigualdade, mas não a suspende as diferenças entre negros e brancos. A diferença, pelo contrário, é reposicionada. Passa a ser determinada não mais pela circunstância escrava, mas é essencializada pela cor da pele¹⁸. A reprodução cultural dessa diferença entre brancos e negros concorre e fomenta interpretações como as de *Senzala*, que, por sua vez, também reproduz a diferença e reitera outros discursos. Mas quais?

A narrativa reforça o imaginário do senhor de escravos como um *grande pai*. Senhor de terras e de gentes, provedor do bem e do mal. Amplia o alcance do poder senhorial ao colocar na mão dos escravocratas não apenas o poder sobre os corpos, mas a tutela espiritual dos escravos que, entendidos como seres inferiores, carecem dessa “proteção” para “sobreviver”, no que os espíritas chamam de *plano terreno*, e se “desenvolver”, no âmbito de um suposto *plano espiritual*. Seres superiores (os senhores), podem direcionar a experiência escrava para felicidade ou sofrimento. Portanto, cruéis ou benevolentes, os senhores de engenho estão no centro da ação histórica, na narrativa espírita.

Sendo a revolta um elemento não possível, a ação escrava é esvaziada de sentido e a imagem sugerida do escravo é aquela do Pai João¹⁹: elemento passivo do processo histórico. E mesmo quando ela acontece, há uma explicação espírita que a desloca para o domínio do circunstancial, ou de uma ação planejada *pelo além*, com vistas a um desfecho extraterreno. De maneira que as ações escravas, que poderiam ser compreendidas como atos de resistência, terminam caindo no lugar-comum do *mal necessário*, ou de uma *justiça do invisível* que é, no mínimo, questionável por permitir a exploração de um grupo por outro, negando possibilidades de resistência de quaisquer tipos.

Esse escravo apaziguado com a escravidão nos incomoda. Não apenas retoma estereótipos literários repetidos à exaustão, como promove um entendimento sobre as relações entre negros e brancos que, em meados da década de 1970, uma historiografia sobre a escravidão já se esforçava por desconstruir: a falácia da democracia racial brasileira.

¹⁷ Sobre a questão do negro na literatura brasileira ver: Sayers (1956); Rabassa (1965); Brookshaw (1983); Proença Filho (2004)

¹⁸ A respeito da questão da cor na sociedade brasileira ver: Schwarcz (2012).

¹⁹ Reis e Silva (1989) situam dois *modos de ser* escravo que assinalam a dicotomia presente na memória coletiva da escravidão no Brasil: de um lado *Zumbi*, que representa o escravo rebelde, e de outro o escravo *Pai João*, passivo e conformado com a condição escrava. Os autores chamam atenção para o fato que entre Zumbi e Pai João se situam outras experiências no âmbito do escravismo brasileiro. No entanto, pensamos que no caso do nosso “tio Henrique”, o alegoria do “Pai João” revela exatamente o que ele representa no interior da narrativa: a conformação escrava diante da escravidão

Romance espírita e a escrita da história

Entendemos que o romance espírita *Senzala* coloca para seus leitores, o problema da identidade nacional. Tema amplamente debatido pela intelectualidade nacional, desde o final do século XIX até nossos dias. Afinal, ainda nos perguntamos: *o que é o Brasil? Quem é o povo brasileiro?*

Nos meados da década de 1930, uma compreensão sobre uma identidade brasileira plural e mestiça começa a se desenhar. O incremento dos estudos sobre as populações negras²⁰, o financiamento das Organizações Unidas para pesquisas sobre a desigualdade entre brancos e negros no Brasil, a partir dessa década, e até mesmo a fundação da Escola Sociológica Paulista são fatores fundamentais para a construção desse entendimento sobre a identidade nacional. A obra de Freyre, também prestou seu tributo. Se, por um lado, fantasiou com doçura as relações sociais entre negros e brancos, por outro lado, forneceu elementos para pensarmos a contribuição da cultura africana na formação da sociedade brasileira.

Um desdobramento desse novo olhar sobre a mestiçagem foi a valorização do mestiço enquanto tipo social, porque se aproximava mais do branco do que o negro. A literatura nacional testemunhou esse deslocamento através da elaboração de um imaginário a respeito do indivíduo *mulato* que incorporava o máximo de elementos dos brancos. A consequência imediata disso foi a idealização de que seria possível ao negro ascender socialmente, conquanto se comportasse como um branco, na medida em que incorporasse seus valores, que imitasse seus gestos (BASTIDE, 1953). Se o negro não podia mudar a cor de sua pele, que mudasse a de sua alma. Podia ser um *negro de alma branca*. Esse movimento *embranquecedor* dos comportamentos, está presente em *Senzala*: na mansidão dos escravos, na linguagem do “tio Henrique” que se expressa como branco e propaga uma crença religiosa de adesão majoritariamente branca²¹.

Diversas formas de resistência escrava foram assinaladas pela historiografia da escravidão no Brasil²²: a composição de uma religiosidade híbrida do catolicismo e das religiões africanas; a organização de quilombos, fugas e rebeliões escravas; o atraso do trabalho diário – que diminuía os lucros dos proprietários; o estabelecimento de uma economia de troca de favores entre escravos e senhores (SCHWARTZ, 1988). Mas em

²⁰ Sobre o tema consultar: Querino (1918), Rodrigues (1932), Ramos (1934); (1935); (1937); (1942); (1943).

²¹ Segundo o Censo realizado em 2010, 68,7% dos brasileiros que se declaram espíritas, também se declaram brancos. Mas, do cotejo dos censitários de 2000 e 2010 percebemos certa ambiguidade no que diz respeito às chamadas *religiões espiritualistas do Brasil*, evidenciada pela existência de seis categorias censitárias relacionadas às expressões religiosas baseadas na comunicação com espíritos: a. *espiritualista*, b. *espírita*, c. *umbanda e candomblé*, d. *umbanda*, e. *candomblé*, e f. *outras declarações de religiões afro-brasileiras*. As categorias censitárias revelam tanto a pluralidade de expressões religiosas ligadas aos fenômenos espirituais, como a dificuldade de diferenciá-las entre o senso comum (SARAIVA, 2015).

²² Sobre resistência escrava, consultar Reis e Silva (1989)

Senzala não vemos nada disso. Nosso emblemático preto-velho é defensor irrestrito da lógica reencarnacionista. Quando morre na narrativa, reaparece como espírito, sendo enfático aos negros de que não deseja ser cultuado, divinizado. Não podia ser diferente se a própria escravidão não é questionada ali e se a liberdade tem, em *Senzala*, um sentido muito diferente daquele que costumamos atribuir a esse verbete (SARAIVA, 2015).

A compreensão sobre liberdade, nessa narrativa espírita, nos remete às considerações de Carvalho (2010) que recomenda a relativização do termo, posto que não se pode pensar a liberdade, no âmbito da escravidão, a partir do conceito de liberdade que hoje nos orienta. Portanto, o termo deve ser estendido para que, em suas margens, possa incluir outros sentidos. Possivelmente, os escravos daquele senhor benevolente se sentissem mais livres do que os da fazenda vizinha e por isso não almejavam a condição de libertos. Ou talvez, tão certos de sua inferioridade e subalternidade, ambicionassem tão somente a vida, pois, como o próprio “tio Henrique” defendia, a liberdade era um estado mental.

Dessa maneira, não causa estranhamento que, partindo de uma abordagem teleológica da história, o romance espírita em tela minimize a experiência escrava no Brasil situando-a entre extremos duais como *senhor bom* x *senhor mau*; *benevolência* x *violência*; *castigo físico* x *ausência total de castigo*, que não apresentam a experiência histórica da escravidão, nem colaboram para seu entendimento. Não podemos esquecer que os produtos culturais cumprem uma *função social* (CANDIDO, 1972). E que, nesse sentido, *Senzala* repete o que a historiografia da escravidão se esforça pra superar: a equívoca percepção de que a escravidão foi aceita pelo negro e que dela, ele não foi mais que elemento passivo.

Não nos esqueçamos que o *espíritismo* “codificado” por Kardec e supostamente transmitido por *espíritos superiores* – evoluídos, não foi capaz de colocar-se teoricamente contra o racismo científico do século XIX. Sua filosofia não incluía a noção de igualdade de direitos, mesmo tendo sido forjado num berço revolucionário como a França. Sua doutrina, pelo contrário, serviu aos interesses das elites do poder, ao incitar seus prosélitos à aceitação das adversidades com justificativas baseadas em termos de *culpa*, *resgate*, *merecimento* e *evolução espiritual*.

À jusante do movimento assinalado por Gorender (1992), *Senzala* desabilita a escravidão porque, apesar de pretender apontar uma experiência historicizada, a esvazia de sentido histórico. Faz isto quando situa justificativas para a escravidão negra numa lógica transcendental que tão somente justifica uma cosmovisão, em detrimento de uma memória sobre a escravidão negra no Brasil ainda em construção. Uma construção possível de ser realizada, talvez até com o auxílio de narrativas espíritas, mas apenas daquelas que optem por dar voz às experiências escravas mais ativas, onde o negro esteja

menos sujeito e seja mais sujeito. E a crescente quantidade de romances espíritas com a temática negra permite isso.

É preciso verificar em que medida esses romances espíritas, publicados depois de *Senzala*, se aproximam ou se distanciam das construções que esse romance apresenta. Que sentidos e significados essas produções engendram? Além dessa, outras questões merecem o olhar do historiador; questões essas que, no âmbito deste artigo podemos apenas antever e que estão vinculadas à própria identidade do espiritismo.

A declaração nominal de uma obra ao espiritismo não pode ser apenas pensada no âmbito da filiação religiosa, mas também como uma opção de mercado, dada a amplitude do mercado do livro espírita. O caso de Maria Nazareth Dória é ilustrativo nesse sentido. A escritora possui vários títulos publicados²³ pela *Lumén Editorial* e catalogados como *espiritismo* e/ou *romance espírita*. No entanto, sua identidade religiosa de Sacerdotisa de Umbanda é ocultada das “orelhas dos livros” – espaços referentes às informações sobre o autor. Fato que assinala para uma possível dificuldade que as religiões afrobrasileiras ainda enfrentam na conquista de espaços próprios de escrita, e que confirma o caráter difuso do espiritismo brasileiro, onde o espiritismo de matriz teórica francesa divide e disputa espaço com a umbanda e o candomblé, no que diz respeito às expressões religiosas mediúnicas.

Qual o papel da literatura espírita de autoria de Robson Pinheiro? Eis outra questão. Autor de dezenas de livros espíritas, sendo uma parte de sua produção escrita, produzida no final da década de 1990, questiona alguns aspectos mais ortodoxos do espiritismo de viés kardecista, sugerindo a incorporação de pretos-velhos e caboclos – que geralmente manifestam-se na umbanda – aos trabalhos mediúnicos nos centros espíritas. Defende que essas entidades seriam mais preparadas para lidar com *energias baixas* (do mal), responsáveis por muitos casos de obsessão. Essa visão aparentemente positiva da inclusão de uma ancestralidade africana e indígena ao trabalho realizado pelos espíritas, não escamoteia uma diferenciação negativa dessa ancestralidade na medida em que relega ao espiritismo um papel de instrução moral, de doutrinação, enquanto aos exus, pretos-velhos e caboclos caberia uma tarefa mais imediatista de “expurgo das forças do mal”?

Como se vê, o romance espírita oferece ao historiador possibilidades de escrita que podem alargar a discussão sobre o racismo no interior do espiritismo. Discussão nada inócua num país cravado de preconceitos e desigualdades sociais entre brancos e negros.

²³ *Lições da Senzala* (2006), *A Saga de uma Sinhá* (2007), *Minha vida em tuas mãos* (2009), *Amas: as mães negras e os filhos brancos* (2014).

Em tempos onde o ataque à terreiros e templos de umbanda e candomblés se tornam cada vez mais frequentes, é preciso compreender e identificar os signos e significantes que diferenciam, negativamente, essas expressões religiosas do espiritismo de matriz kardecista, por exemplo. Ainda é necessário esclarecer a importância do negro e da tradição africana, também, no campo das religiões mediúnicas.

Referências

- AMORIM, Pedro Paulo. Muito além da unidade: a cisão no movimento espírita. IN: ISAIA, Artur Cesar.; MANOEL, Ivan Aparecido. (Orgs.). *Espiritismo e Religiões Afro-Brasileiras: História e Ciências Sociais*. São Paulo: UNESP, 2012. pp. 119-138
- AUBRÉE, Marion; LAPLATINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Tradução: Maria Luiza Guarniere Atik [et al.]. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BARROS, José D'Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BASTIDE, Roger. A poesia afro-brasileira IN: *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1953.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Série Estudos).
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Tradução: Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 24, n. 9, pp. 803-809, set, 1972.
- CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822 – 1850*. 2ª ed. Recife, Ed. da UFPE, 2010.
- CASTRO, Mônica. *Uma história de ontem*. São Paulo: Vida & Consciência, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 34ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- GASPARETO, Zíbia. *Entre o amor e a guerra*. São Paulo: Vida & Consciência, 1998.
- _____. *O amor venceu*. Sobradinho: Edicel, 1983.
- GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Temas, volume 23: Sociedade e Política).
- LARA, Eugênio. *História Ilustrada do Espiritismo*. Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, 2002. Disponível em: < <http://bvvespirita.com/> >. Acesso em: 27/03/2015.
- LEWGOY, Bernardo. *Os espíritos e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. São Paulo, 2000. Tese. (Doutoramento em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 50, pp. 161-193, jan/abr., 2004.
- QUERINO, Manuel. *O colono preto como fator da civilização brasileira*. Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1918.
- RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Tradução: Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.
- RAMOS, Arthur. *O negro Brasileiro: Etnografia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- _____. *O folclore do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.
- _____. *As culturas negras no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- _____. *Aculturação negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1942.
- _____. *Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- RÁSICA, Leonardo. *Luzes do Passado*. São Paulo: Vida & Consciência, 2006.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RIBAS, Glauco Schilli. *Aposentadoria: quando surgiu e para que fim*. Disponível em: <<http://www.koskur.com.br/>>. Acesso em 18/06/2015.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1932.
- SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Revista Entrelaces*, Ceará, v. 1, n. 1, pp. 44-56, ago/2007.
- SARAIVA, Deise Maria Albuquerque de Lima. “Preto-Velho, Pai João”: representação da escravidão no romance espírita “Senzala” (1976). Recife, 2015. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco.
- SAYERS, Raymond. *O negro na Literatura Brasileira*. Tradução Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1956.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Fábio Luiz da. A utopia espírita: a cidade espiritual Nosso Lar. IN: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (Orgs.). *Espiritismo e Religiões Afro-Brasileiras: História e Ciências Sociais*. São Paulo: UNESP, 2012. pp. 5-32

SILVA, Luiz Fernando Martins da. Políticas de ação afirmativas para negros no Brasil: Considerações sobre a compatibilidade com o ordenamento jurídico nacional e internacional. *Revista Jurídica*. Brasília, v. 8, n. 82, p.64-83, dez./jan., 2007. Disponível em:

<https://revistajuridica.presidencia.gov.br/ojs_saj/index.php/saj/article/view/354>

Acesso em: 25/03/2014.

WITTGEINSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução Marcos G. Montagnoli; revisão da tradução e apresentação: Emmanuel Carneiro Leão. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009. (Coleção Pensamento Humano).

VARGAS, Ana Cristina. *Intensa como o mar*. São Paulo: Vida & Consciência, 2013.